



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

DIOGO DA COSTA PEREIRA

**MEMORIAL DA RUA DO CABARÉ: A LITERATURA DE TESTEMUNHO NOS
RELATOS DAS MULHERES EX-PROSTITUTAS DE SAPÉ**

**GUARABIRA
2019**

DIOGO DA COSTA PEREIRA

**MEMORIAL DA RUA DO CABARÉ: A LITERATURA DE TESTEMUNHO NOS
RELATOS DAS MULHERES EX-PROSTITUTAS DE SAPÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Licenciatura Plena em Letras
Português.

Área de concentração: Memória Regional e
Popular

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Morais Costa Buhler

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436m Pereira, Diogo da Costa.
Memorial da rua do cabaré [manuscrito] : a literatura de testemunho nos relatos das mulheres ex-prostitutas de Sapé / Diogo da Costa Pereira. - 2019.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Andréa Costa Moraes Buhler , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura. 2. Testemunho. 3. Memória. 4. Prostituição. I.
Título

21. ed. CDD 981.33

DIOGO DA COSTA PEREIRA

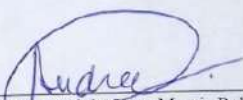
MEMORIAL DA RUA DO CABARÉ: A LITERATURA DE TESTEMUNHO NOS
RELATOS DAS MULHERES EX-PROSTITUTAS DE SAPÉ

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Licenciatura Plena em Letras
Português.

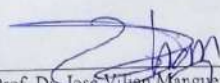
Área de concentração: Memória Regional e
popular

Aprovada em: 12/06/2019

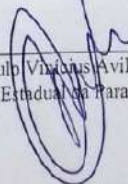
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Andréa Costa Morais Buhler (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Vitor Manguiera
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Paulo Vinícius Avila Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Francineide, pelo apoio; e as três mulheres que participaram desta pesquisa, pela dedicação, participação e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Francineide Ferreira da Costa, por todo seu amor, cuidado, carinho e atenção comigo durante toda minha vida e, especialmente, durante os meus anos de graduação, bem como, seu apoio na minha pesquisa.

Meus agradecimentos especiais vão para as três mulheres que participaram desta pesquisa, por suas participações na minha pesquisa, por contribuírem com suas histórias. Sem elas esse trabalho não existiria.

À professora Andréa Morais pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e, acima de tudo, por seu suporte afetivo na orientação deste trabalho, obrigado.

Obrigado a todos os meus professores que participaram de minha formação desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental e médio. Em especial os professores de minha graduação, sou muito grato por todo aprendizado, amadurecido, leituras e trocas de conhecimento.

Obrigado às professoras Elciane, Dora Justo e Fabiana Medeiros que participaram de minha formação no Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por toda experiência trocada em sala de aula.

Agradeço também aos meus amigos que me ouviram, leram e contribuíram para a realização dessa pesquisa. Obrigado Janylli Ferreira e Rhayssa Silveira por suas forças e apoios, obrigado Ana Paula Pereira e Victor Fullbuster por suas preocupações, obrigado Joelma Paiva e Olívia Ruthyelly por me ouvirem ler meu trabalho, obrigado Drielly Linhares por me acompanhar em uma das pesquisas.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo geral de resgatar a memória de mulheres velhas ex-prostitutas da Rua do Cabaré, localizada no município de Sapé, nas décadas de 60 a 90, por meio de relatos de suas vivência no passado. Como objetivo específico, o trabalho é constituído por uma revisão da literatura moderna e contemporânea, os estudos teóricos sobre a literatura de testemunho e memória e, também, a análise dos relatos orais das mulheres entrevistadas numa perspectiva literária, social e cultural. Como metodologia, foi utilizado uma pesquisa bibliográfica para contextualizar a teoria e uma pesquisa de campo com três mulheres que viveram no cabaré, para esse registro houve o processo de gravação da entrevista a partir de um roteiro com oito perguntas e, depois, a transcrição das falas. Todos os relatos presentes neste trabalho são fragmentos da entrevista gravada e suas falas foram transcritas na íntegra numa escrita oral. Como fundamentação teórica destacam-se os estudos de Jaime Ginzburg (2012) sobre a literatura e suas interdisciplinaridades na pós-modernidade, Márcio Seligmann-Silva (2001, 2003, 2005) com suas pesquisas no Brasil sobre testemunho, história e memória, o filósofo francês Walter Benjamin (1987) e seus estudos sobre o narrador, a memória e o testemunho, e também utilizaram-se as pesquisas da historiadora Ecléa Bosi (1994) sobre a memória numa perspectiva social.

Palavras-Chave: Literatura. Testemunho. Memória. Prostituição.

ABSTRACT

This work has the general objective to rescue the memory of old women former prostitutes of Rua do Cabaré, located in the city Sapé, in the decades 60's to 90's, through reports of their experience in the past. As a specific objective, the work consists in a review of modern and contemporary literature, theoretical studies on the literature of testimony and memory and, also, the analysis of the oral reports of women interviewed in a literary, social and cultural perspective. As a methodology, a bibliographic research was used to contextualize the theory and a field research with three women who lived in the cabaret, for this record there was the process of recording and transcription of the speeches. All the reports present in this work are fragments of the interview and their speeches were transcribed in full. As a theoretical foundation, the Studies of Jaime Ginzburg (2012) on the literature and its interdisciplinarity in post-modernity, Márcio Seligmann-Silva (2001, 2003, 2005) with his research in Brazil about testimony, history and memory, the French philosopher Walter Benjamin (1987) and his studies on the narrator, memory and testimony, and were also used the researches of the historian Ecléa Bosi (1994) on the memory from a social perspective.

Keywords: Literature. Testimony. Memory. Prostitution.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A INTERDISCIPLINARIDADE DA LITERATURA NA PÓS- MODERNIDADE	11
3	LITERATURA, TESTEMUNHO E MEMÓRIA.....	16
4	MEMÓRIAS DA RUA DO CABARÉ.....	23
4.1	Infância/adolescência e chegada ao Cabaré.....	24
4.2	Cotidiano do cabaré: diversões e acontecimentos.....	27
4.3	A Rua do Cabaré e a relação com a polícia.....	30
4.4	Contexto de violências e/ou mortes.....	31
5	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	39
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	40

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta as histórias subjetivas de três mulheres, entre 47 a 68 anos de idade, que viveram na Rua do Cabaré de Sapé. Trata-se de relatos orais de suas vivências, considerando a precarização de suas condições sociais. Delimita-se nos estudos literários, culturais, sociais sobre o testemunho, bem como, a história oral e a memória social. Assim, neste trabalho vamos perseguir uma memória estigmatizada da cidade de Sapé, através de testemunhos e narrativas orais, tendo em vista que na história do testemunho sempre houve o resgate da memória traumática, triste e dolorosa dos oprimidos e marginais.

O município de Sapé está localizado no interior da Paraíba, na mesorregião da Mata Paraibana, a 42 km da capital, João Pessoa, com uma estimativa de mais de 52 mil habitantes em uma área territorial de 316 km². A memória histórica e cultural de Sapé destaca-se por ser a “Terra do Abacaxi”, por ter sido um dos maiores exportadores desse produto nas últimas décadas do século XX. É também a terra onde nasceu o poeta pré-modernista Augusto dos Anjos, patrono da cadeira número um da Academia Paraibana de Letras. Outra memória em destaque da cidade é o movimento agrário das Ligas Camponesas, onde viveu e morreu o líder do movimento, João Pedro Teixeira. Além disso, considerando a especificidade de redes de prostituição, Sapé foi cenário de investigação da Polícia Federal e destaque nacional em uma matéria no programa Fantástico, em 2008, por rede de prostituição infantil, envolvendo empresários e políticos da cidade.

No mais, Sapé teve uma história marginal das décadas de 1960 a 1990, e que não há nenhuma historiografia sobre este período, onde existiu uma rua na periferia de Sapé, conhecida popularmente como “Rua do Cabaré”. Trata-se de uma rua que foi constituída de vários bares e cabarés que funcionavam como ponto de prostituição, cujos frequentadores variavam entre grandes poderosos da cidade, populares, políticos e caminhoneiros que vinham de diversas regiões para a exportação dos abacaxis. Esta memória da cidade é presente na história oral dos velhos cidadãos sapeenses, que narram os eventos que aconteceram nos cabarés de Sapé e as festas que aconteciam lá nos fins de semanas. É esta memória da cidade de Sapé que vamos historiografar neste trabalho.

A partir de tudo isso que já foi exposto, esta monografia tem o objetivo de resgatar a memória individual e coletiva das mulheres ex-prostitutas da Rua do Cabaré, na cidade de Sapé-PB, fazendo um recorte temporal entre as décadas de 1960 a 1990, período de suas juventudes, entre dez a vinte e cinco anos de idade. A pesquisa tem como *corpus* as narrativas orais das mulheres sobre os eventos da infância e adolescência em que viveram como “raparigas” do

prostíbulo. Este material coletado e analisado serve, como entendemos, para contribuir com a preservação da memória dessas mulheres e da cidade de Sapé. Trata-se de buscar documentos para visibilizar a história estigmatizada da cidade, analisando os lugares das diferenças, dos marginalizados, das mulheres negras e pobres, e ainda as relações sociais e de gênero presentes no espaço da prostituição.

Especificamente, este trabalho tem o propósito, inicialmente, de contextualizar os estudos literários sobre o testemunho, conceituando a natureza da literatura de testemunho, numa perspectiva sociológica e dos Estudos Culturais. Em seguida, compreender a teoria da memória como arqueologia para construir a história. E, também, coletar fragmentos da história subalterna da cidade de Sapé, com base nas memórias das mulheres ex-prostitutas, a partir disso, organizar um pequeno memorial, em fase inicial, do período de ascensão delas e das festas na Rua do Cabaré. Por fim, analisar as narrativas orais da juventude das mulheres, numa perspectiva literária, sociológica e das questões de gênero.

A fundamentação teórica desta pesquisa tem como base os estudos de Jaime Ginzburg (2012) sobre a literatura na pós-modernidade e testemunho, e também do historiador brasileiro Márcio Seligmann-Silva (2001, 2002, 2005) que organizou uma coletânea de ensaios e artigos sobre a literatura de testemunho, trauma e diferença. Com relação aos estudos sobre narratividade e memória destacam-se o filósofo alemão Walter Benjamin (1987), com seus estudos sobre a memória e narrador, e a historiadora brasileira Ecléa Bosi (1994), com sua contribuição sobre memória e sociedade.

A pesquisa partiu de uma metodologia qualitativa e etnográfica com um estudo da revisão literária sobre a literatura na pós-modernidade, testemunho e memória; e uma pesquisa de campo com um roteiro de oito perguntas para a realização das entrevistas gravadas dos relatos orais de três mulheres ex-prostitutas da Rua do Cabaré; o roteiro das pergunta se encontra no Apêndice A. No capítulo “Memórias da Rua do Cabaré” especificaremos melhor a realização das pesquisas.

O desenvolvimento deste trabalho se divide em três partes. Na primeira parte, fizemos uma revisão da literatura a partir do século XX, suas mudanças, relações com outras ciências e seus principais teóricos até a década de 1970 com os Estudos Culturais. Na segunda parte apresentamos a teoria do testemunho pós Segunda Guerra Mundial, bem como, destacamos suas relações com a literatura, história e memória. Por fim, na terceira parte do desenvolvimento, focaremos nas memórias da Rua do Cabaré em si: em primeiro lugar, uma contextualização histórica e geográfica e, em segundo, alguns dados de identificação das nossas

mulheres entrevistadas, por fim, os relatos e análises das memórias que estão divididos em tópicos temáticos.

2 A INTERDISCIPLINARIDADE DA LITERATURA NA PÓS-MODERNIDADE

Como fio reflexivo de apreensão desses relatos, seguimos as postulações da literatura contemporânea, de testemunho e memória, como material teórico para a realização desta pesquisa. Por isso, para efeito de introdução, vejamos um recorte da história da literatura clássica, de suas primeiras manifestações e da modernidade a partir do século XX.

A natureza do fenômeno literário sempre foi uma preocupação nos estudos da literatura. A investigação da linguagem e das expressões literárias datam-se desde a Grécia Antiga, por volta do século V e IV a. C. Mais especificamente em Atenas, com as preocupações filosóficas dos sofistas sobre a oratória e o domínio da fala. Enquanto isso, Platão e Aristóteles vêm se preocupar com a arte poética, concebendo a poesia como *mimesis*, isto é, a imitação das ações humanas.

Platão, preocupado com o critério da verdade do conhecimento, dialoga no Livro X de sua magna obra *A República* sobre seu descontentamento em admitir a poesia imitativa. Na visão dele, os poetas estariam realizando uma cópia do mundo sensível, sendo imitadores do mundo e das virtudes, mas afastados da verdade. Dessa forma, a arte poética estaria em um terceiro grau de natureza do real, abaixo do mundo das ideias (original e perfeito, onde encontramos a verdade) e do mundo sensível (material); a arte seria, portanto, a terceira natureza, dois graus de distância do conhecimento verdadeiro (PLATÃO, 2018, p. 424-467).

Aristóteles, seu discípulo, questiona essa sistematização de conhecimento metafísico de Platão, e se dedica a organizar, através das ciências naturais, o mundo e seus diversos objetos. Assim, na *Poética*, Aristóteles conceitua a *mimesis* como uma capacidade do homem de imitar as ações da realidade por meios diferentes (cor, traço, voz), com objetos diferentes (tinta, lápis, corpo) ou de maneiras diferentes (ritmo, dramatizando) (ARISTÓTELES, 2014, p. 19-23). A linguagem poética encontra um lugar de prestígio em sua obra, uma vez que ela, além de ser mais importante do que a realidade e do que a história, porque trabalha com a virtualidade do que “poderia ser”, conduz a experiência da catarse, entendida como purgação das paixões pelo terror e pela piedade. Sem dúvida, até hoje, as postulações de Aristóteles, principalmente para as abordagens das narrativas dramáticas, são indispensáveis para refletir o fenômeno literário, já que o filósofo conferiu a arte um estatuto de legitimidade, embora sob as marcas de uma essencialidade inteligível.

Para a especificidade de nosso estudo, importa agora rever as abordagens do século XX, as quais progressivamente desencadearam um abalo no paradigma da natureza/especificidade do literário. Com a revolução modernista, a teoria da literatura

consolidou-se como uma ciência com mais fundamentos teóricos. Nas primeiras décadas temos a contribuição do Formalismo na Rússia, principalmente com o linguista Roman Jakobson, que dá visibilidade a construção da obra literária e descreve as características de cada gênero. Por volta da década de 1930, consolida-se uma outra tendência, o Estruturalismo tcheco, que valoriza a língua em estrutura e sistema, e analisa a estética da obra literária. Por fim, há uma linha teórica de cunho sociológico e antropológico, a Sociologia da Literatura, que vem contrapor às ideias formalistas e estruturalistas. Essa teoria observa como os aspectos sociais são representados em uma obra literária, seus principais estudiosos são Georg Lukács e Lucien Goldman, enquanto, no Brasil temos os estudos do sociólogo Antonio Candido (ZILBERMAN, 2012, p.14-21).

A noção do valor estético em uma obra literária sempre se apresentou como uma problemática na teoria da literatura, principalmente como é defendida pelos cânones. Com a advento da modernidade, marcada pelas duas grandes guerras mundiais do século XX, o cânone começa a sofrer alguns abalos, principalmente nos decênios de 60 e 70 com a crítica feminista, os estudos da Escola de Frankfurt e mais tarde os estudos culturais. Esses acontecimentos trouxeram a ampliação na crítica literária, resultando em novos paradigmas, a exemplo dos múltiplos modos de ler a literatura. Na crítica contemporânea assistimos o resgate das culturas excluídas pela imposição dos valores canônicos, uma vez que o cânone é essencialmente excludente e ideológico (GINZBURG, 2012, p. 39-50).

A crítica literária contemporânea inaugurou novas relações, estabelecendo, principalmente o diálogo com outras fontes de conhecimento. Ou seja, a intertextualidade dos conhecimentos traz à tona novos critérios para a percepção do valor de uma obra. Assim, é que vemos cada vez mais o entrecruzamento da literatura e a política, envolvendo a diversidade de vozes minoritárias. São as vozes dos trabalhadores, dos negros, das mulheres, das nações, dos animais etc. Para tanto, em nosso recorte de trabalho, vamos construir um diálogo com a literatura, sociologia, crítica cultural e uma investigação histórico-política.

Com a ascensão da modernidade, a teoria literária buscou, além da definição de uma especificidade para a sua natureza, outras concepções relativas à constituição literária, a exemplo da relação dialética do texto e contexto ou forma e conteúdo, propugnando, assim, a ideia de outros estratos na representação do literário. Dessa forma, a sociologia, produzindo fissuras no que se chama especificidade da linguagem literária, tornou-se uma ciência auxiliar indispensável, pois esclarece as relações entre as condições sociais e a literatura, tendo em vista que o contexto, também, teve seu lugar de destaque.

A teoria sociológica da literatura tem como foco os aspectos sociais que englobam a obra literária. Conforme Candido (2000, p. 3-13) nos apresenta, essa vertente desenvolve uma crítica dialogando com as relações entre a obra e o ambiente, entre texto e contexto, interno e externo. Uma vez que os elementos externos da obra literária desempenham tanto uma função de orientação da estrutura da obra quanto se constitui como um fator para a própria construção da ficção. Essa disciplina, de cunho científico, propõe investigar a apreensão da forma social da obra.

A partir da década de 1960, novas perspectivas teóricas vão ampliar os estudos da literatura, com a contribuição dos pesquisadores Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin e Theodor W. Adorno. Bakhtin, linguista russo e contemporâneo dos formalistas, vem contrapor as ideias vigentes do Formalismo, observando a linguagem como dinâmica, mutável e dialógica. Além disso, desenvolve duas propriedades na comunicação, polifonia e hibridismo, que vão influenciar nos estudos modernos das obras literárias. Benjamin e Adorno, que fizeram parte da Escola de Frankfurt, trazem mudanças radicais para a literatura, dando destaque para as questões de ordem social, histórica, cultural, ideológica e política na literatura (ZILBERMAN, 2012, p. 59-67).

Ainda nas décadas de 1960 e 1970 surgem, também, os Estudos Culturais, principalmente com o sociólogo Stuart Hall, que problematizando as construções unívocas da cultura, vão dar atenção às culturas marginalizadas e às minorias. Consequentemente, influenciará os estudos da literatura, principalmente, a partir da crítica feminista que questionava a hegemonia da voz masculina na sociedade. Nessa perspectiva de estudo, vai se destacar na literatura a teoria da representação, a reflexão estética e ética, tudo de forma interdisciplinar (ZILBERMAN, 2012, 21-22).

Esses estudiosos contribuíram para a ampliação do conceito de cultura, e nas teorias da literatura, quebrando com a ideia hegemônica das obras canônicas de linguagem consagrada. Mais tarde, torna-se a base intelectual para os grandes movimentos políticos de esquerda, com compromissos de militância para a mudança social, em busca da utópica igualdade, do respeito e da tolerância às diferenças culturais, étnicas, sexuais e de gênero, que se refletem como consequência da história trágica de intolerância, antissemitismo, totalitarismo, fascismo e nazismo da primeira metade do século XX.

Até o surgimento dos Estudos Culturais, o termo cultura tinha uma interpretação unívoca, entendida como as grandes realizações da humanidade, mais especificamente, as ações ou criações dos não vencidos, porém, com a pós-modernidade passou a ser concebida em uma visão de multiculturalidade, onde há o reconhecimento das culturas diferentes, múltiplos povos,

identidades e origens; com diversas manifestações simbólicas únicas, subjetivas e autônomas (BORDONI, 2006, p. 11-22).

Os Estudos Culturais se aplicam neste trabalho para registrar a multiplicidade cultural, observando os traços da cultura marginalizada da prostituição, as manifestações subjetivas dos valores das mulheres prostitutas, bem como as vozes e memória desses sujeitos silenciados.

As reflexões trazidas pelos Estudos Culturais se apresentam profícuas para a nossa pesquisa, uma vez que permitem estabelecer zonas de intersecções múltiplas entre sujeito, memória e escrita ou relatos. Esse recorte se inscreve principalmente no âmbito de uma cultura marginalizada e esquecida. O desocultamento dessas vozes aparece como uma necessidade dessa crítica cultural, que faz convergir sujeito e ação política.

O nosso caminho investigativo segue essas postulações da crítica literária contemporânea, em que se pense em um registro político da memória e das vozes. Sobre essa tendência em formato interdisciplinar na crítica contemporânea, a professora titular de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Eneida M. de Souza (2002) discorre:

[...] deverão ser respeitadas as pluralidades interpretativas, levando-se em conta o inumerável conjunto de novos objetos até pouco tempo desconsiderados pela crítica, como os estudos das minorias, dos textos paraliterários, da correspondência, do memorialismo, e assim por diante. (SOUZA, 2002, p. 74)

O que propomos, hoje, é uma inclusão dos diversos textos e gêneros esquecidos ao longo da história. Cabe-nos, nesse contexto pós-moderno, dar visibilidade às novas produções ou textos antigos de gêneros, classe ou cultura esquecidos, por exemplo, às correspondências de Drummond, Lispector ou os diários de Carolina Maria de Jesus, além das expressões orais como repente e cordel, dentre tantas outras expressões artísticas politicamente invisibilizadas, esquecidas e inferiorizadas. Portanto, é importante abrir o debate para os gêneros autobiográficos, como diários e memoriais. É com base nessa concepção culturalista, de minoria, que esse trabalho vai se deter aos relatos de testemunhos apresentados mais adiante.

Em suma, temos a proposta de visibilidade às expressões excluídas ao longo da história da literatura, como cartas, autobiografias e diários, como por exemplo, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Isso nos faz pensar em uma política da memória que escolhe o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, sendo legitimado pelas políticas dos vencidos (GINZBURG, 2012, 47-8). Cabe-nos, neste contexto histórico, contribuir para uma maior visibilidade e crítica às obras esquecidas e não canônicas, expressões de negros, de mulheres,

dos homossexuais e dos pobres que não conhecem a cultura erudita, mas têm suas expressões artísticas conforme sua posição social.

O nosso recorte também se insere no ponto em que converge o exercício da crítica literária e os direitos humanos. Essa preocupação se desenvolve na segunda metade do século XX, com seus diálogos com as ciências humanas que também começou a se preocupar com as questões dos direitos humanos na ficção, apresentando algumas reflexões sobre o papel humanizador da literatura e sua necessidade nas diversas comunidades humanas ao longo da história.

Sobre essas questões, o pesquisador Jaime Ginzburg desenvolve um capítulo chamado “Literatura e Direitos Humanos: Notas sobre um Campo de Debates” (GINZBURG, 2012, p. 190-195) onde ele apresenta reflexões sobre o papel da literatura em respeito aos direitos humanos. Essa problemática entra em debate quando levamos em consideração a questão da liberdade de expressão e representação dos sujeitos subalternos e marginalizados. Uma vez que, devido a falta de letramento pelas camadas socioeconômicas inferiores, eles não têm voz ativa e não são ouvidos com respeito e credibilidade, pois seus limites linguísticos dificultam a representação da experiência e enunciação. Há a exigência social e política de um vocabulário formal, determinadas pelas regras institucionais, a falta dessa linguagem dificulta a expressão, a interação, o conhecimento dos direitos sociais e a defesa de si, culminando em um controle dos ideais conservadores. A literatura, sob a defesa dos direitos humanos, tem o compromisso ético de representar e visibilizar essa cultura não letrada e excluída.

As histórias não contadas ou esquecidas na literatura estão associadas a uma política conservadora e autoritária do cânone, e também “o problema das relações entre literatura e direitos humanos tem ligação com omissões, lacunas e silenciamentos em discursos institucionais, jurídicos e científicos” (GINZBURG, 2012, p. 201). Portanto, o que nos interessa é construir um estudo que contribua também para a defesa dos direitos humanos, como um dever ético aos sujeitos esquecidos e silenciados pelos poderes, no nosso contexto, as mulheres esquecidas da Rua do Cabaré.

O nosso recorte estabelece uma estreita relação com os relatos de testemunhos. Para melhor estabelecer essa conexão, realizaremos uma breve incursão sobre a literatura de testemunho.

3 LITERATURA, TESTEMUNHO E MEMÓRIA

O conceito de testemunho começa a ser pensado teoricamente após os cenários de violências, genocídios e guerra do último século, por um escritor francês não muito conhecido, Jean Norton Cru (1879-1949), que pesquisou sobre os registros escritos dos soldados da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Mais adiante teremos a contribuição nesses estudos com o filósofo Walter Benjamin com seu ensaio *O Narrador*. Já no Brasil, destaca-se o pesquisador, historiador, crítico literário e professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Márcio Seligmann-Silva, com suas pesquisas sobre o testemunho e a exclusão social.

Hoje, essa nova teoria é destaque nos estudos literários, principalmente com a reflexão central na investigação sobre os sobreviventes de Auschwitz e da Shoah, nas experiências em ditaduras e opressões nas mulheres, negros e homossexuais. Ainda não há um consenso no conceito de testemunho, são estudos fortemente marcados de contradições, mas suas pesquisas têm aberto novas interpretações para o setor jurídico, a história e a literatura; abrindo também novas interpretações à história social dos excluídos.

Na modernidade pós-guerra, essa vertente teve interesse em escritores alemães, africanos, hispano-americanos e brasileiros. Os principais nomes são Primo Levi (narrativa) com a obra *É isto um homem?* e Paul Celan (poesia) na Alemanha, com seus escritos como sobreviventes do holocausto judeu no Terceiro *Reich*; na África encontramos o escritor Pepetela, com uma literatura de resistência sobre a colonização portuguesa na Angola; na América Central temos Rigoberta Menchú, tem como centralidade os genocídios indígenas e os problemas agrícolas na Guatemala e foi vencedora do prêmio Nobel da Paz em 1992 com a obra *Meu Nome é Rigoberta Menchú*; enquanto no Brasil destacam-se Luiz Alberto Mendes e André du Rap, com relatos da repressão no sistema prisional do Brasil. Todos tendo em comum fundamentos de uma escrita que proporciona a visibilidade aos excluídos e oprimidos.

O historiador e literato Seligmann-Silva desenvolve suas concepções iniciais sobre testemunho conforme o modelo apresentado por Émile Benveniste. Este é um tipo de “*modelo auricular do testemunho*” (2001, p. 122-123), onde encontramos os termos em latim que classifica as testemunhas, *testis* e o *superstes*. Ou seja, *testes* é aquela testemunha que viu o fato, isto é, a testemunha ocular que usa a visão como prova; já o *superstes* é a testemunha que viveu o trauma, experimentou na pele uma violência e sobreviveu, usa a própria experiência como prova. Este sendo um sobrevivente de uma provação e digno de confiabilidade; aquele, portanto, atuando como um terceiro (BENVENISTE, 1995, p. 278 *apud* SELIGMANN-

SILVA, 2005, p. 80-82). No nosso contexto, vamos nos deter em testemunhas *superstes*, que viveram a experiência de morar em cabaré e tiveram a vivência real, na pele, da prostituição.

A partir dessas ideias, é importante estabelecer pequenas diferenças. A pessoa que viveu ou viu a experiência é o que chamamos de testemunha; o relato ou depoimento (oral ou escrito) é o testemunho. A testemunha (*testis e superstes*) é essencialmente insubstituível, pois narra fragmentos da realidade, a partir desses fragmentos podemos reconstruir ou arquivar a vivência por meio de documentos: romance, filme, documentário, memorial etc. O testemunho que é elaborado pelo sobrevivente apresenta situações, eventos e períodos traumáticos como fragmentos na memória.

As concepções de testemunho na literatura, como um fenômeno literário, vêm sendo estudado na Europa, principalmente na Alemanha pós-guerra. Nessa vertente, denominada “*zeugnis*” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 121), o trabalho com o testemunho está voltado para o resgate da memória em torno da Segunda Guerra Mundial, da Shoah e os sobreviventes de Auschwitz. São resgates de eventos catastróficos, de crimes contra a humanidade que vão além da compreensão, pois a linguagem não consegue expressar devido às grandes marcas. A testemunha, por sua vez, é o sobrevivente do trauma, muitas vezes aqueles que chegaram perto da morte, como judeus, muçulmanos, negros, entre outros. O testemunho caracteriza-se pela harmonia de fragmentos que marca a memória e por uma incapacidade de expressar a vivência em palavras. Nesta perspectiva, a cena do testemunho na arte literária serve para expor os problemas de justiça social e apresentar panoramas historiográficos.

Já o “*testimonio*” (SELIGMANN-SILVA, 2001, p. 121) na América Latina, nos países hispano-americanos, a partir da década de 1970, começou a ser pesquisado com o resgate de testemunhos em períodos de ditaduras, em busca de uma “contra história”, isto é, a história dos não vencidos, oprimidos e esquecidos. Os eventos são os períodos ditatoriais e as testemunhas são as vozes subalternas que sofreram a repressão, em busca também de justiça e por responsabilidade ética. Nos países hispano-americanos o testemunho na literatura se aproxima a um gênero memorialista e autobiográfico, próxima, também, da literatura regional. Essa vertente nos interessa mais, pois levamos em conta a história vista de baixo, por aquelas mulheres sem voz na sociedade; e além dos testemunhos traumáticos, vamos nos deter também destacamos as experiências de vida marginal, boemia e prazeres.

Na historiografia dessa recente teoria, a testemunha é predominantemente uma voz excluída, subalterna e que carrega as marcas de uma experiência sofridora, e carrega uma memória que pode surtir problemas nas interpretações dos conflitos sociais. Contudo, o valor do testemunho não está em ser comprovado, mas consiste em uma ambiguidade entre o fato

vivido e a insuficiência da linguagem em contar tudo (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46 *apud* GINZBURG, 2012, p.57). Porque o narrador testemunhal está em conflito com a memória e o esquecimento, uma vez que o trauma pode proporcionar uma experiência ou sentimento em que a própria linguagem não alcança, tendo uma relação tensa com a realidade concreta.

Nesse sentido, o testemunho cumpre o papel de responsabilidade ética e social para uma (re)interpretação do passado, por meio da escuta daqueles não vencidos na história da humanidade, isto é, aqueles que por uma política da memória foram silenciados. O estudo do testemunho, portanto, abre-nos a possibilidade de um debate sobre a exclusão na historiografia ou uma escrita pautada nos sujeitos excluídos; sob um campo ético, político e estético. Como nos explica o pesquisador Jaime Ginzburg:

[...] o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcada por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão. (GINZBURG, 2012, p. 52)

O testemunho na literatura - também conhecida como a literatura de teor testemunhal, na concepção europeia, ou literatura de testemunho, na concepção latino-americana - quebra com as ideias conservadoras do cânone. Não há mais uma concepção da arte pela arte, conforme apresenta Ginzburg (2012, p. 53) onde “não estamos em um campo de entendimento da arte como representação, no sentido atribuído à mimese aristotélica”; mas uma literatura com fundamentos extralinguísticos.

A especificidade da linguagem escrita do testemunho, com base no que temos na historiografia dessa área, é caracterizada pelo trauma, associada aos sofrimentos e sentimentos desagradáveis. O sujeito testemunhal nos apresenta uma experiência negativa, muitas vezes, com lacunas e de forma fragmentada, pois, em uma perspectiva psicanalítica, é impossível relatar claramente uma experiência traumática. Esta produção é constituída e construída por vozes excluídas para compreender um passado por meio dos sujeitos que foram marginalizados e oprimidos, assumindo o direito de fala das vítimas de violência extrema e proporcionando uma nova forma de representação do sujeito. Nas palavras de Penna:

O testemunho pede a elaboração de um novo conceito de representação, ligado ao estabelecimento de identidades políticas. É necessário diferenciar narrativas que postulam uma experiência ‘individual e particular’, na autobiografia tradicional, e ‘formulação de uma subjetividade coletiva do testemunho. (PENNA, 2003, p. 314 e 318 *apud* GINZBURG, 2012, p.58 e 59)

Por causa disso, há a tendência na escrita testemunhal de visibilizar a língua da testemunha, uma escrita oral que dê autenticidade de fato ao testemunho da forma como foi colhido e do jeito que falam. Mas “a escrita do testemunho não se restringe ao depoimento direto, mas deve passar por uma elaboração atenta dos recursos de linguagem escolhidos” (GINZBURG, 2012, p. 56). Nessa forma, a escrita do testemunho não se restringe em apenas reinterpretar a história oficial, mas cumprir também um dever com a ética, isto com a construção estética no registro escrito (SELIGMANN, 2003, p. 80). Esta concepção da estética requer recursos como um acabamento formal e um estilo literário para atingir a forma artística, por conseguinte, a formulação do valor estético que põe em discussão a teoria canônica.

O nosso estudo, por não se tratar de uma peça de arte, prescinde de valor estético, uma vez que o teor testemunhal, de cunho autobiográfico, está centralizado na valoração ética dos sujeitos marginalizados. Para a especificidade de nossa abordagem, autobiografia e relato de testemunho se avizinham como aportes reflexivos para a exposição das vozes das mulheres. Embora a literatura de testemunho focaliza principalmente o trauma, o nosso estudo traz notas de relatos diversos além dos traumas, uma vez que os acentos de humor/riso, cumplicidade, afetos, etc. também compõem os relatos. Cumprindo também uma função ética de visibilizar a memória dessas mulheres e da história estigmatizada da cidade, além de construir um novo material para as literaturas de teor testemunhal.

Para iniciarmos nossa discussão sobre memória, vejamos os primeiros estudos da modernidade com o filósofo Henri Bergson sobre a memória. Em sua obra “*Matéria e memória*”, Bergson apresenta algumas teorias iniciais numa perspectiva introspectiva da memória e que influenciarão os estudos posteriores. O foco do autor é compreender a memória como uma conservação do passado e suas relações com o estado atual do sujeito, isto é, para o filósofo, as nossas memórias estão lá reservadas e que são lembradas a partir de um estímulo do ambiente presente, a percepção.

A experiência da percepção é um fato que acontece no presente por meio de nossa imagem do corpo atual, “a percepção é o mero resultado de uma interação de ambiente com o sistema nervoso central” (BOSI, 1994, p. 46). Toda percepção é um fato presente, que por sua vez é carregada de uma lembrança, um fato do passado. Assim, a memória é uma reserva de imagens que está lá no nosso inconsciente e retorna para a consciência com a percepção presente. Portanto, memória é o estado inconsciente da conservação do passado.

Tomando esses estudos iniciais, O sociólogo Maurice Halbwachs desenvolve seus estudos sobre a memória e suas relações com vida social. Vejamos:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p. 54)

Neste contexto, a memória não seria apenas uma relação da imagem atual com o passado, mas uma reconstrução de nossas experiências vividas por meio de instituições que envolvem o sujeito. Dois instrumentos principais contribuem para a formulação das lembranças, as instituições e a linguagem (BOSI, 1994, p. 55-56). A primeira porque é com a relações com os outros que resgatamos as experiências vividas; a segunda porque com a linguagem construímos e reconstruímos o mundo. E memória é isto, reconstrução. Não é o fato puramente vivido, mas uma releitura do passado. Recorrendo sobre esse ponto, assim Bosi se expressa:

Entende-se que não se trata apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, isto é, não se trata apenas de uma justaposição de “quadros sociais” e “imagens evocadas”. Mais do que isso, entende-se que já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada, trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem, logo, de filiação institucional. É graças ao caráter objetivo, transubjetivo, dessas noções gerais que as imagens resistem e se transformam em lembranças. (BOSI, 1994, p. 59)

Em suma, para nosso trabalho com a memória, levaremos em conta o estado social de nossas entrevistadas, uma vez que as lembranças têm suas relações com o espaço que vivemos. E também teremos a noção de que suas lembranças são reconstruções, releituras, novas interpretações do passado. Tendo em vista que no presente os corpos das mulheres desta pesquisa são outros, suas ideias são outras e já houve outras vivências e experiências que contribuem para a nova imagem que resiste no inconsciente. Porque todo resgate da memória é sempre uma nova experiência.

Essa nossa investigação entra, evidentemente, na busca pela retomada do passado. Segundo o filósofo Walter Benjamin (*apud* GAGNEBIN, 1999, p. 57-59) retomar o passado é característica essencial da narrativa tradicional, feita por meio da oralidade. Essa comunicação oral apresenta em sua natureza as transmissões de experiência, vivência e tradição de famílias e comunidades, como ensinamento moral e conselhos que são ouvidos e seguidos:

[...] a experiência se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho [...] as histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas; elas acarretam uma verdadeira formação (*Bildung*), válidas para todos os indivíduos de uma mesma coletividade (GAGNEBIN, 1999, p. 57).

Em outras palavras, a experiência é a sabedoria transmitida pela autoridade dos mais velhos para os mais jovens, muitas das vezes de forma concisa através de provérbios ou

histórias. Mas isso se perdeu com a modernidade, como Benjamin vem chamar de “pobreza da experiência”. O surgimento do romance, da imprensa e a informação rápida pôs um fim nessa narrativa oral tradicional, porque a narrativa deixou a oralidade e foi para os livros; e também as vivências traumáticas das duas grandes guerras do século passado pôs um fim na experiência e narração, pois os sofrimentos tornaram as transmissões de experiências incomunicáveis. Sobre essa pobreza de experiência, o filósofo conclui:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem as novas experiências. Não, eles aspiram libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. (BENJAMIN, 1987, p. 118)

Em meio a essa realidade, é difícil encontrar, hoje em dia, pessoas dispostas a contar suas histórias e vida, suas memórias, e principalmente, quando esse público é pobre e não vencedor. O desafio que temos é a busca por uma ostentação da pobreza nas mulheres objeto desta pesquisa, suas sabedorias e experiências dessas sujeitas que não foram vistas e têm muita vivência de dores e a força de uma vida sofrida, não por meio de provérbio ou histórias, mas através de seus relatos autobiográficos.

Benjamin ainda nos propõe em outro ensaio, “O narrador”, uma tese sobre a natureza da atividade narrativa no ato de rememorar e recolher o passado. Esse fenômeno na narratividade consiste no narrador dar conselho ou ensinamento moral ao seu ouvinte e essa transmissão de saberes será norteada pela sua relação com a morte, pois a morte assume o papel de diretriz à transmissão de saberes e sabedoria de vivência (BENJAMIN, 1987, p. 200-201 e 207-208). Mas hoje a narratividade tradicional, dar conselhos, ensinar a partir das experiências dos mais velhos estão morrendo, por isso vamos levar em conta não a experiência (*erfahrung* como chama Benjamin), mas a vivência (*erlebnis*). Porque as experiências passadas de pai para filho morreram na modernidade e ficaram as vivências, e é isto que vamos resgatar de nossas mulheres, suas vivências de mulheres de cabaré.

Em nossos relatos veremos mulheres narradoras de suas próprias vidas. São histórias contadas pelas vozes, mãos, olhares e corpo. Da mesma forma como foi a experiência de Ecléa Bosi com as lembranças de velhos: “A arte de narrar é uma relação alma, olho e mãos: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI, 1994, p. 90). As vivências dessas mulheres no cabaré são transmitidas numa relação ouvinte e narrador que têm o interesse de preservar esse passado. Por isso, esse resgate da arte de narrar, que se perdeu com modernidade, é um ofício de compromisso com a ética, acima de tudo respeitando suas subjetividades, suas vivências de putas, as vezes assustadoras, outras cômicas, mas abrindo caminhos para a

comunicação narrativa oral. As vozes se inserem na contrapartida do discurso institucionalizado da história oficial, como pondera Benjamin ao falar sobre história a contrapelo.

4 MEMÓRIAS DA RUA DO CABARÉ

A Rua do Cabaré é um dos locais mais famosos e conhecidos pelos habitantes mais velhos da cidade de Sapé. Teve seu sucesso desde a década de 60 até 90 e começou seu declínio nos anos 2000. Foi uma rua com vários bares e pontos de prostituição, e alguns moradores dizem que chegou a ter mais de dez cabarés. Esse lugar chamava a atenção de turistas, caminhoneiros que vinham pegar abacaxi no município e nas redondezas, bem como de outros habitantes de cidades vizinhas, que vinham para os bordéis de Sapé.

Hoje, a rua se chama Luís José Medeiros, mas ainda é conhecida popularmente como Rua do Cabaré, embora essa rede de prostíbulos não exista mais. Porém, ouvimos dizer por meio dos moradores que ainda há hoje em dia as “festas de mato” que são eventos em quintais e que acontecem as prostituições. Aquele espaço, embora seja no centro, é uma rua periférica e seu final dá para o muro lateral do cemitério Nossa Senhora da Assunção.

O nosso mapeamento de abordagem parte de uma metodologia qualitativa e etnográfica da memória individual e coletiva de três frequentadoras dessa rua, ou seja, mulheres. Nosso objetivo principal é ouvir o que elas têm a dizer, e dar voz a essas personagens marginalizadas. É um trabalho com foco nas confissões e testemunhos de vida na época em que a Rua do Cabaré compunha uma cena importante para a cidade de Sapé. Resgatamos as relações delas com a rua, os bares, as histórias, às vezes cômicas, e que contribuí, como entendemos, para o resgate de memória dessa gente e da cidade. É esse o recorte que salvamos da ruína de um tempo contínuo, que faz desaparecer as relações e os laços. Benjamin (1987) nos ensina a importância dessa fratura no tempo através da narrativa que transmite a experiência.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o recurso de gravação das entrevistas na íntegra. A entrevista foi estruturada em tópicos temáticos e, a partir do roteiro que se encontra no Apêndice A, foram realizadas as perguntas em conformidade com o contexto de cada mulher. Esses tópicos se organizam em: identificação (nome, data de nascimento), infância, família, adolescência, chegada ao cabaré, contexto do cabaré e suas vivências e experiências. Esse formato deu mais liberdade as entrevistadas e ao entrevistador, pois as perguntas foram formuladas ao longo da investigação.

As questões das entrevistas foram realizadas numa ordem cronológica dos fatos, iniciando por questões da infância, passando por relações com a família, o contexto da sua adolescência, religião, escola e os primeiros namoros. A segunda parte da entrevista se deteve na Rua do Cabaré propriamente dito, como tudo começou, a chegada ao lugar, a experiência e a saída do local. Eis as questões da entrevista nessa segunda parte: 1) Como você chegou ao

Cabará de Sapé?; 2) Como conheceu a Rua do Cabará?; 3) Onde morou quando estava na Rua do Cabará?; 4) Com quem morava naquele tempo?; 5) Como era a vida, rotina, o dia-a-dia das mulheres que viviam nos bares?; 6) Quem eram os seus/suas principais amigos/as?; 7) Como era a relação da polícia com a Rua do Cabará?; 8) Você se lembra de alguma morte, assassinato, morte, violência que aconteceu por aqui?

A transcrição das nossas entrevistas da oralidade para escrita buscou ser fiel às falas das mulheres, ou seja, os relatos buscam manter as marcas orais. Todas as vozes das mulheres permaneceram em seu registro original, com suas identidades linguísticas, pausas, desvios fonológicos no ato da fala e atos falhos da língua. Isso se justifica por destacar as identidades em seus lugares socioculturais em que viveram essas mulheres.

Foram entrevistadas três mulheres que passaram pela Rua do Cabará e viveram sua juventude naquele espaço. A escolha dessas mulheres se dá pelo fato delas estarem mais abertas para contar suas histórias e terem aceito o convite. Hoje ainda tem mulheres daquela época que vivem na mesma rua, mas outras estão morando em outros lugares. Elas apresentam hoje uma faixa etária entre 47 a 68 anos. Todas as três entrevistadas são mulheres negras, todas têm filhos e apenas uma está casada. O nível de escolaridade de todas as entrevistadas é notoriamente baixo por não frequentarem a escola por muito tempo. Tratam-se de mulheres semiletradas.

Por uma questão ética não vamos expor o nome, nem fotos das mulheres. Por isso vamos usar codinomes referentes às entrevistadas: Aparecida, Conceição e Penha.

Os nossos comentários, ressaltando a particularidade de cada relato, focalizam principalmente a vivência dessas mulheres marcada permanentemente pela adversidade da sobrevivência, uma vez que a precarização dos afetos e dos materiais atravessavam a existência frágil delas.

3.1 Infância/adolescência e chegada ao Cabará

Iniciemos as memórias das mulheres em sua infância, vivências com a família e criação. Agregamos a chegada junto à infância e à adolescência porque elas começaram a vida de prostituta logo cedo. Então, o começo da vida no prostíbulo foi já no final de suas infâncias. E também vamos, oportunamente, realizar comentários para fazer destaque as suas linguagens que tecem as suas identidades.

Vejamos, primeiramente, as lembranças de Aparecida:

Aparecida: Eu conheci ali aquele cabará todinho. Minha infância foi ali dento. Aí conheci o pai de Vitória (*filha*), aí pronto. Mai era muito bom. Eu gostava da minha

infância. Eu num tinha uma boa relação com minha mãe. Eu saí do meu lugar depois que minha vó faleceu, porque minha vó era minha vó e minha mãe, que eu fui criada com ela. Aí minha vó faleceu e eu vim morar nesse lugar aqui, em Sapé, com uma turma. Ah! Eu só gostava de brincar com menino macho, num gostava de brincar com menina feme não, nunca gostei de brincar com menina feme. Onde me via era com macho. Apanhei muito da minha tia, visse! Apanhei com tomada de ferro pa deixar esse costume. Quando eu fui fazer a primeira comunhão eu já tava com o rombo, oh!

Começamos as lembranças de nossas mulheres com a sua infância, pois como vimos em Bosi (1994, p. 53-56) as memórias sofrem influência intrínsecas de nossas relações com as instituições sociais e uma delas é a família, por isso nos interessa conhecer essa relação com a família e sua infância. Aparecida foi menina criada pela avó, com uma pequena relação íntima com a mãe. Começou suas “brincadeiras sexuais” logo na infância com os meninos da rua. Na infância já conhecia o sexo. E por ser mulher, construiu uma imagem de menina safada e partiu para os bordéis de Sapé para ganhar dinheiro e sobreviver.

Percebemos nessas mulheres os primeiros traços de transgressão logo na infância em suas relações sociais. Aparecida era uma menina livre que brincava com os meninos e, conseqüentemente, já teve seus primeiros contatos sexuais. Ela nos enfatiza esta identidade em sua memória, de uma menina que já era “safada” que gostava de “brincar com menino macho”. Aparecida desde pequena se apresentou muito livre ao ponto de ser repreendida pelos seus parentes. Mas relembra e relata esta vivência da sua infância com normalidade pois faz parte de suas subjetividades.

Outro ponto importante é a quebra da menina/mulher ideal desde a infância. Aparecida já começou sua vida quebrando com as grandes normas religiosas, uma menina que fez a primeira comunhão sem ser virgem. E podemos analisar a partir do contexto dos lugares dos diferentes sujeitos, Aparecida não era burguesa, não era branca, não se enquadra nos padrões sociais e viveu sua vida fora dos padrões, quebrando todas as normas com resistência. E isso define o seu testemunho, conforme nos apresenta Ginzburg “o narrador testemunhal pode ser examinado como um narrador em confronto com um senso de ameaça constante por parte da realidade” (GINZBURG, 2012, p. 53), pois assim Aparecida viu a vida, como uma sobrevivência a cada dia.

Agora, vejamos a chegada de Conceição ao cabaré:

Conceição: Uma vez eu peguei briga mais mãe, por causa da minha irmã. Mãe tinha Margarete como virgi e eu como rapariga. Eu disse “mãe, eu não sou rapariga, sou virgi ainda”. Pior que eu era virgi mermo. Aí eu fui pra uma festa em Mari. Aí comecei a namorar um cara né. O nome dele era Zezin. O pai dele tinha mai um campo de fumo. Ele queria casar comigo, mai eu num quis que eu num gostava dele. Me abucetei porque eu quis mermo. Beba! Eu tinha dez ano. Aí mãe me chamando de rapariga, “tá bom mãe, fique com sua fia que é virgi, que a sua rapariga sai da sua casa agora”. Eu já conhecia Vaqueiro né, a mulé dele mora aqui nessa rua. Eu disse “Vaqueiro, tem

uma vaguinha pra tu me colocar lá?”, ele disse assim “vai pra lá Conceição, tu é de menor, porra!”, “e daí? tu me esconde”, “tu vai mermo?”, eu disse “vou”. Num tem aquelas saia de lambada né? Eu comprei uma daquela. Hoje eu fecho o cabaré de cadeado! Aí fui. Mãe menino, num faltava macho não viu, faltava não. As mulé ficaro até com raiva de mim quereno me rasgar, dizem que eu ia tomar os cliente dela, ó paí. Vai tomar no rabo moi de desgraça! Aí mãe ficou quato dia sem me ver. Eu mandava compar quentinha pra mim, escondida né. Ficava lá. Comia tomava bain, me relaxava.

Primeiramente, vejamos que as suas linguagens são de pessoas que não tiveram letramento escolar. Apresentam traços de uma cultura vista como desvalorizada. Isso se justifica porque não se enquadra nas normas linguísticas dos extratos superiores. Em todas as falas de nossas entrevistadas vamos encontrar essa língua do povo, a língua que as camadas socioeconômicas inferiores falam: “virgi”, “bain”, “perfume”, etc. São também uma característica da sua fala os termos visto como vulgares, de baixo corpóreo, mas que fazem parte do contexto da prostituição e dessa cultura marginal: “puta”, “priquito”, “rombo”, “boi” (menstruação). E vamos encontrar tantos outros termos semelhantes nas vozes das demais mulheres, porque fazem parte de suas vivências.

Mais uma vez encontramos uma menina transgressora que saiu de casa por causa de uma briga com sua mãe e decidiu se prostituir. Aparecida e Conceição expressaram desde sua vida de menina uma identidade de “puta”, embora fossem crianças. Elas primeiro foram rotuladas pelos familiares e amigos para depois, de fato, vivenciarem a prática da prostituição. É fato que essas mulheres, não se adequando a uma identidade social feminina aceitável, sofriam reprimendas por parte da família e da sociedade. Ou seja, se o comportamento delas não se encaixava no tipo padrão feminino, sobraria para elas a marca de identidade dita de uma forma pejorativa: “puta”.

Neste relato encontramos um grande personagem da história do Cabaré: Vaqueiro. Ele foi dono de um dos bares da rua e cafetão. Conceição viveu toda sua vida de bordel apenas no bar de Vaqueiro. Outra mulher que também passou por seu bar foi Aparecida. Hoje ele não está mais vivo.

Por fim, vejamos a história de Penha:

Penha: Quando eu cheguei aqui em... já cheguei aqui já no final, eu cheguei em 67 isso aqui era tudo bar, chei de muié. Eu tinha 16 ano. Eu vim pra cá por causa do forrozão, eu também gostava. Gostava! Quem não gosta de dançar, se distrair? Fiquei morano por aqui nos bar, voltei pra mari em 86 e em 91 voltei de novo pra cá e tô aqui até agora, daqui num sei pra onde vou. Eu ficava por aqui nos bar dançano, sambano, tomano uma. Eu num tinha bar certo não, eu ficava em todos eles, eu num tinha intriga com ninguém aí ficava em todos eles. Eu gostava da farra, dos omi me quereno eu gostava demais. Eu sim era puta porque eu gostava. Mas omi num vale nada não, só quer gozar e pronto, e eu também num valia, só queria curtir e brincar. Era muitos bar, começava daqui... daqui da esquina ia bater no final do sumitéro. Os dois lado da rua. Conheci tudo, tudo, o bar de Vaqueiro, Malaveia, Dona Ana. Tinha muito bar, se for

contar o caba nem se lembra. Quando eu cheguei aqui, quando eu cheguei logo quando eu vinha de Mari praqui tinha muito bar, mai depois foi descaíno, descaíno, descaíno, aí tudo vai descaíno e muda e ficou nisso aí ó.

Dona Penha não deixa claro como chegou ao cabaré, assim como Aparecida e Conceição nos especificaram. Apenas sabemos que ela era uma jovem, que gostava da boemia e foi pra lá para curtir a vida. Repare-se que acentua o seu gosto pelo cabaré: “Eu sim era puta porque gostava”, o que diverge de um testemunho de trauma. De fato, se reporta a um tempo de vivência alegre. Como vimos também, ela não fixou em apenas um bar, viveu circulando de bar em bar para ganhar seu dinheiro.

O que nos chama atenção neste relato é o prazer de ser “puta”. Vejamos que a sua definição está relacionado ao prazer de estar, ser e se ver como tal, não é mais uma questão de sobrevivência, embora haja esse vínculo de resistir e sobreviver à vida. Penha estava lá porque gostava do samba, do forró, dos prazeres e também, como todas, porque precisava ganhar seu dinheiro para sobreviver.

3.2 Cotidiano do cabaré: diversões e acontecimentos

Vimos o começo dessas mulheres na rua do cabaré. Mas, como era aquele espaço? Como era o cotidiano, a rotina delas? Foram essas questões que nos interessaram na pesquisa de campo para conhecer as vivências de trabalhadora do sexo. O cabaré, evocado por uma memória celebrativa e nostálgica, é um espaço onde prazeres e diversões se combinam à garantia de sobrevivência. Vejamos:

Aparecida: Era muito bom naqueles tempo, eu queria voltar o que eu era. Era bom! O pessoal só vivia falano: “Em Sapé tem um cabaré na fábrica de abacaxi. É muito bom”, “Onde é esse lugar Sapé? Só vejo o povo falano: Sapé! Sapé! Um dia vou conhecer a cidade de Sapé”. Aí chegou a dona do cabaré, pegava as puta lá de Campina Grande. “Eu vou nesse embalo... mai eu sou de menou, bora?” Nesse tempo a viatura de lá era uma coimbi. Nessa época num tinha esse negócio de conseio tutelar não, tinha juizado de menor. Quando o juizado de menor chegava lá a gente se escondia, noi se escondia debaixo das cama, por detrai das porta. Oxe! Nesse tempo o juizado de menor ali era um véi chamado Camarão. Ai! Levei muita carrera dele. Mai foi a época que eu ganhei mais dinheiro na minha vida. Muito bom aquele cabaré, muito falado. Dia de domingo era assim ó... cheio de macho. Os caminhoneiro quando vinha pra cá pa carregar abacaxi só dava tempo de encostar o carro hum, era uma fila de caminhão, um atraí do oto ali no cabaré. Antigamente ali era muito bom, mai agora... agora é rua de família, agora Sapé num tem cabaré não. As mulher se quiser trepar, se num quiser ir pro motel, tem que trepar nos mei do mato. Gia? Ai! Pense num tira gosto bom é gia. No cabaré só saía gia. Era gia, era tanajura. Era procurado! Tanajura... Lolô! Ai! Saía muito lolô alí torradinho, lolô é um peixinho que tem dento do mar.

Penha: O cotidiano aqui era dançar forró, beber cerveja e... o dia todo até a hora que aguentasse, tinha isso não. Só nunca fiz roubar nem vender maconha, e nem fazer

aquilo que num tava certo, o resto eu vivi de tudo. Era tudo muito bom, eu sim vivi a mocidade se arriscano e brincano. Eu tinha muito cliente, é claro, eu num tava morta. Era muita farra. começava aqui da esquina, ia até o paredão do sumitero. Dia de sabo aqui o povo passava pelas calçada. Dos dois lado da rua era só carro, carro, carro, carro. Era lotado de gente de todo lugar, era caminhoneiro, era os omi do sul, de pernambuco era todo fim de semana.

Os relatos apontam para uma vivência festiva onde o sexo pela sobrevivência também agregava ao prazer da vida. As mulheres registram que os maiores frequentadores do bordel eram caminhoneiros, mas havia também outros perfis.

A rua do cabaré ficava próxima da estrada onde os caminhões ficavam estacionados, e por isso era frequente o número de caminhoneiros, cortadores de cana e homens que trabalhavam no abacaxi, desde os agricultores aos grandes empresários do abacaxi.

No relato de Aparecida acima percebemos alguns traços culturais da Rua do Cabaré como o tira gosto peculiar de bar periférico: a gia e lolô. Muito apreciado pela camada que frequentava o cabaré. Ainda nos relatos de Penha e Aparecida também percebemos a forte relação entre o abacaxi/caminhoneiros (tão famosos na cidade Sapé) e a Rua do Cabaré/Prostitutas. Aqui vemos o quanto os prostíbulos de Sapé tiveram a sua relação com os caminhoneiros turistas que vinham para cidade, uma vez que o município não tinha atrações a não ser o famoso cabaré.

No relato de Penha conseguimos detectar o quanto o nosso espaço em estudo era movimentada de pessoas que vinham de toda parte do Brasil. A rua ficava uma completa de carros lotando os espaços. É por isso que os moradores mais velhos de Sapé sempre lembram desse local, o que a juventude sapeense hoje sabe é apenas das memórias dos velhos, foram eles que viveram aquele espaço boêmio.

Vejamos mais relato:

Aparecida: Eu tinha doze ano. Eu morava em Campina, depoi que eu vim aqui pra Sapé. Quem foi buscar a gente lá foi uma dona de cabaré daqui de Sapé que foi buscar as mulher fora. A finada Ana, ela é bem conhecida. O primeiro bar que morei foi no dela aqui em Sapé. Tinha os quarto, tinha seis, eu tinha o meu. Só tinha eu de menor nesse mei, visse. No meu eu levava quem eu quisesse no quarto. Meu quarto já tinha banheiro já pas puta tomar bain, só pra tomar bain. Era cama de cimento, aí tinha um negocinho pra gente colocar batom, perfume, ali era uma banquinha com papel higiênico, camisinha... a lui vermelha. Porque se tivesse de boi passava assim mermo de boi né. A pessoa tá de boi, a luz já é vermelha, a pessoa tem que ir no banheiro, toma bain, se banha e se deita. Ai o homi: "Eita! Oxe! Tava de boi foi?"; "Ah não, chegou agora, só deu tempo de tu gozar o boi chegou". Mentira que noi já tava!

Nesse relato há o começo da vida de prostituição de Aparecida. Vejamos que o lugar onde Aparecida e as demais mulheres viveram não era confortável, e diz respeito à precarização

material que já nos referimos. Ela descreve um ambiente pobre com o mínimo necessário para realizar as atividades diárias de um cabaré.

Um destaque importante em sua memória é o relato sobre a luz vermelha do lugar. A luz vermelha é o símbolo cultural dos cabarés. Mas a percepção dessa lembrança sobre a luz é bem peculiar, já que ela tinha a função de esconder a menstruação para os clientes. Ou seja, é possível que o uso da luz vermelha remeta a outros campos de significação, mas, no caso da depoente, a luz vermelha serve para uma finalidade específica que seria ocultar a menstruação. Reparemos que a sua justificativa da luz para ocultar o “período de boi” remete à necessidade de sobrevivência, porque elas precisavam trabalhar mesmo estando menstruadas.

Seguem outros fragmentos sobre o cotidiano do cabaré:

Aparecida: O cabaré lá essa hora (10h00min a.m.) tava assim ó... Já tinha tira gosto pronto. Lá as puta lá, a gente lá, acordava cedo demais. Noi se acordava de seis hora. Noi se acordava, tomava bain, fazia a limpeza do corpo, depois ia tomar café, depois de tomar café fumava um cigarro e ficava na porta do bar sentada, cada uma com seu cigarro na boca esperano, até chegar os caminhoneiro. E lá óia, cada uma parte tinha seu preço. Num era um preço só não. O priquito era um preço, a traseira era o preço e a chupeta era o preço, nera um preço só não. Lá nesse tempo num tinha esse negócio de camisinha não, visse. Noi se arrisquemo muito de pegar doença.

Conceição: Aí ó eu tinha freguêi de Pernambuco, da usina Maravilha e o usina São João, lá de Cruz do Espírito Santo. E quando ele ia chegano num procurava nenhuma, só era eu. Ele era contador da usina. Nunca saí com caminhoneiro não, Deus me defenda, eu tinha medo. Eu tinha medo porque ali o povo só dizia que tinha aids. Eu usava camisinha, mas tinha medo. Aí eu saia com um, e o ficava na mesa esperano. Era assim, em cinco, dez minuto terminava, era vapt vupt, num tinha esse negócio de beijar em boca não, or vai tomar no cu! Mai também quando eu saía era estibada. Trazia dinheiro pra minha mãe, pra bancar minha mãe que era doente. Me bancava também.

Os depoimentos retratam o dia de trabalho dessas mulheres que limpavam, cozinhavam, serviam aos clientes nos bares. Além disso, havia o constante contato com bebidas alcoólicas, cigarros e outras drogas.

Para as mulheres sobreviverem naquele espaço foi preciso se arriscar todo dia, desde o contato com o machismo, violências, criminalidade (como veremos mais especificamente nos dois últimos tópicos) e também com as infecções sexualmente transmissíveis quando Aparecida nos relata “Noi se arrisquemo muito de pegar doença”, e Penha: “Eu tinha medo porque ali o povo só dizia que tinha aids. Eu usava camisinha, mas tinha medo”.

As últimas décadas do século XX foi o auge da epidemia da AIDS no Brasil e como trabalhadoras do sexo elas estavam em contato constante com as infecções ou doenças sexuais. O uso da camisinha, como nos relata Aparecida, era deixado um pouco para trás, enquanto Penha sempre foi mais atenta em relação às ISTs. Portanto, para ser sobrevivente de cabaré foi

preciso também passar pelo perigo de doenças e infecções causadas pelas relações sexuais, tendo em vista que também outras mulheres da Rua do Cabaré foram mortas por AIDS, enquanto essas sobreviventes hoje podem contar sobre essas mulheres.

3.3 A Rua do Cabaré e a relação com a polícia

Neste tópico veremos um relato das mulheres sobre suas vivências com a polícia. Lembremos que elas começaram a vida de prostituição em tenra idade, na infância e na adolescência. Consequentemente, tiveram as experiências de se esconderem e fugirem da polícia, serem protegidas pelas outras mulheres e o silenciamento da comunidade com relação às meninas de menor naquele espaço.

As intervenções do poder público sobre a prostituição, principalmente a higiene social por parte dos governantes no Brasil, têm seus primórdios no século XIX e XX (DINIZ, 2016, p. 55-56). Porém, até hoje não houve êxito, pois a prostituição é um fato social em cada sociedade e que ao longo do tempo teve diversas funções e adaptações.

No contexto do Brasil, e não diferente na cidade de Sapé, a prostituição se tornou uma espécie de empreendedorismo e que movimentava a economia e o turismo da cidade. Por isso também, o policiamento era mais em busca de meninas menores de idade por exploração sexual infantil.

Nossa pesquisa não tem a pretensão de se deter em questões jurídicas, mas neste tópico apresentaremos alguns dados sobre a prostituição infantil, uma vez que, Sapé já foi alvo de investigação da Polícia Federal por rede de prostituição infantil. Ademais, sabemos que a prática da prostituição é um problema social que não raro envolve policiamento, já que no Brasil se prostituir não entra no rol de criminalidade, mas é crime induzir à prostituição, ter casas de comercialização sexual (Lei 2.992 de setembro de 1915 – Lei Melo Franco) e explorar sexualmente menores de dezoito anos (desde 1940) ou sujeitos vulneráveis (desde 2009, com a Lei 12.015/2009) (DINIZ, 2016, p. 62-63).

O relato de Conceição abaixo traz o registro desse policiamento, ao mesmo tempo em que se expressa uma autoimagem de rebeldia e agressividade como marca de existência:

Conceição: Levei muita carrera da polícia. Porque assim... de menor num podia entrar lá, né. Aí eu me trancava dentro dos quarto, esperava os policial ir embora pra fazer pograma né. Quando os policial ia embora eu saía. Eu era uma pessoa muito respeitada. Assim... respeitada assim por que!? Porque eu não dava o baço a torcer a ninguém, tá entendo!? Se um homi dissesse assim: “Conceição, você é mulé feia”, eu mandava... num contava história, quem era feia quem era bonita. Eu metia o naífo. Minha mãe diz assim: “Minha fia, que hora você vem?”, eu digo “mãe, eu tenho hora

pra sair, pra chegar eu num tenho, quem sabe da minha vida é Deus”. Ela já sabia que eu tinha a cabeça estorada né. Essa Aparecida mermo, essa Aparecida quantas pessoa já tirei de cima dela, que queria quebrar ela no cacete.

Como já apresentamos, a prostituição infantil é crime pelo Código Penal Brasileiro desde 1940, mas nos bares de Sapé o número de crianças e jovens eram grandes, inclusive as nossas entrevistadas começaram desde a infância. Mesmo assim, vulneráveis, elas estavam lá no cabaré, primeiro porque queriam ganhar dinheiro de qualquer forma para sobreviver; segundo, porque seus corpos eram pequenos, novos e aparentemente frágeis. Elas estavam em constante risco, e principalmente os donos dos bares que poderiam a qualquer momento serem presos por exploração sexual.

É muito característica dessas mulheres em estado de vulnerabilidade serem transgressoras, enfrentar os homens, a polícia e falar alto. Isso porque precisam se empoderar, precisam resistir todos os dias, nem que seja preciso correr da polícia todos os dias. O importante é ganhar o dinheiro para sobreviver, e como é o caso de Conceição para ajudar a mãe.

3.4 Contexto de violências e/ou mortes

Sabemos que cabaré não é só diversão, bebidas e sexo. É um lugar também de muita violência. Quem vive neste espaço está em contato direto com a polícia, brigas e mortes. É muito válido destacar que a prostituição é um fato marginalizado e tem suas proximidades com com tráfico de drogas e mulheres: “A prostituição, assim, é considerada uma conduta marginal, próxima a outras práticas transgressoras como o tráfico, o uso de drogas, os furtos e os roubos.” (PINHEIRO, 2006, p. 23 *apud* DINIZ, 2016, p. 59)” é por isso que abrimos este tópico para o contexto da prostituição, cabarés e esse ambiente hostil da criminalidade, violências, homicídios e feminicídios. Vejamos:

Aparecida: Desses ano que eu vivi alí no cabaré eu só me lembo só de uma morte. Que foi da finada... Não, eu me lembo de duas. Uma foi da finada Aparecida, que ela tava mai gestante. O caba furou ela dento do bar de Maria Ana e ela caiu no mei da rua. E a ota foi uma graaande amiga minha, a finada Simone. Foi o triste do Nenê. Ele era gigolô dela. Foi uma morte muito feia, matou dento do quarto. Uma morte muito feia, muito, muito feia mermo, de facão. Ficou assim de gente olhando, oh! Quem descobriu foi uma amiga dela, Rosilda. Rosilda chamou ela... todo sábado chamava ela pa ir pra feira, quando chegou na porta: “Oh Cumade, cumade! Oh Cumade!”. E nada de cumade responder, né. Só que as chave dos quarto lá qualquer uma chave abia a porta. Aí Rosilda abiu a porta, quando Rosilda abiu a porta já foi num prano de choro. Ela tava enrolada na cama dos péi a cabeça, quando Rosilda descobriu, aí começou a chorar e chamou os homi. E o triste do Nenê ainda foi pa feira, ainda compou bolsa, ainda cuidou de armoço. Aí Rosilda disse assim né: “Cadê cumade?”.

“Tua cumade tá dormino”, “Oxe! E cumade num vai pa feira, não é?”. Foi uma morte muito feia. Só me lembo dessas mermo. Dize que ali teve muita morte.

Conceição: Simone era cumade minha... era... olha, essa mulher fez tanta desgraça com esse cara. Era mulher bonita, bonita! Tudo que ela fazia com macho dela ela dizia pra mim. Eu dizia: “Cumade, para com isso!” Que a gente num pode prender homi não. Oia, um dia o feitiço um dia para. “Pare com isso, cumade”. Ele era bonito, era bonito. Ela tinha um ciúme dele fudido. “Para com isso, mulher”. Ela menstruava, metia a menstruação dento do suco pra ele tomar. Aí que o homi endoidava. Lavava a tabaca dava pra ele a água. Rapava os pentei, fazia aquele torrado, dava pra ele. “Para com isso, cumade”. Quando foi num dia eu sai do cabaré, Benel comprou uma casa, fui morar na Rua Nova. Aí eu vi ela: “ Oh cumade, eu vou fazer um churrasquinho lá em casa, vai passar o dia mais eu”, aí ela fez “ Mai Nenê foi tocar viola im sei aonde”, “Mulé, deixe Nenê que com ele eu me entendo com ele, né melhor do que a senhora tá lá dento (*do cabaré*)”. Mai só que ele já tava sabendo que cabuetaro ela lá dento mermo. Aí quando foi no domingo ela fez “Eu vou, cumade”. Aí Benel cortou a carne, organizou tudo né, churrasco né. E eu com aquele negocio no peito, prendendo assim né, num querendo que ela voltasse pra casa. Sentindo a morte dela. Aí ela fez assim: “Cumade, eu acho que num vou ficar aqui não, Nenê vai chegar”, “Cumade, num vá não”. E eu sabendo né, do babado. Eu num ia deixar ela ir pra casa não. Ela armoçou. Ela nem qui bebe, acredita? Já deixei as cerveja, cachaça e ela não qui beber. Acho que ela tava sentindo também. Eu sei que ela tomou banho, “Cumade, eu vou embora, Nenê tá pa chegar”. “Benel, oh Benel, pega a bicicleta vai lá no cabaré”. Aí Benel: “Eu vou fazer o que no cabaré, Conceição?”. “Vá lá, alguma coisa tá acontecendo com cumade Simone”. Num deu nem tempo Benel subir na bicicleta, o irmão dele chegou. “Tua cumade morreu!”, “Que cumade?”, “Simone”, “Que conversa é essa que cumade Simone saiu daqui inda agora?”, “Vai lá no cabaré”. Mai rapai, eu amuntei na bicicleta, sai virada, os carro quase me pega, o cabaré assim de gente.

Viver em cabaré é estar constantemente em contato com o perigo. Por isso, também interrogamos sobre essas questões traumáticas. Neste relato há uma das memórias tristes na experiência vivida de Aparecida e Penha no Cabaré. Vejamos que ambas relembram um mesmo fato, a morte de Simone. Temos testemunhas de um feminicídio, isto é, a morte violenta contra a mulher pelas relações de poder de gênero, que é uma constante em nossa sociedade, portanto, cabe-nos destacar a memória coletiva dessas mulheres sobre Simone. Esse assassinato está na lembrança dessas mulheres, embora com percepções diferentes, mas é um trauma que até hoje está guardado.

A violência contra a mulher é uma realidade no Brasil desde o período colonial, onde os colonizadores estupraram as mulheres indígenas e as negras escravas. E o feminicídio sempre existiu, mas o termo é muito recente nos estudos de gênero, sociais e jurídico. No contexto brasileiro esse crime de homicídio contra a mulher só entrou no Código Penal Brasileiro em 2015 com a Lei nº 13.104/15, quando houve um avanço para combater essas violências de gênero (RODRIGUES, 2016, p. 53-56).

A literatura de testemunho tradicional (europeia) é feita principalmente em memória para aqueles que morreram, “a escrita do sobrevivente se vincula à memória daqueles que não sobreviveram” (GINZBURG, 2012, p. 54). Em outras palavras, testemunhar é ressuscitar os

mortos, dar memória aqueles que não podem contar mais sua história. Por isso também destacamos este relato pela memória das finadas Aparecida e Simone. E esses testemunhos marginais, da precariedade, violência, pobreza também estão muito próximos à literatura de Carolina Maria de Jesus em seus diários pessoais, no ponto em que converge a memória, cotidiano, testemunho e denúncia.

Além disso, nos relatos acima encontramos a figura do gigolô que é uma marca social nos cabarés, bordéis e casas de prostituição. O gigolô é aquele que tem uma sexual com a prostituta, e muitas vezes afetiva, mas não é necessariamente o seu cliente, é mais do que os clientes, às vezes pode ser seu companheiro. A figura do gigolô muitas vezes é bancado pela mulher. Outra figura nos espaços da prostituição é o cafetão/cafetina que, diferente do gigolô, são os sujeitos que gerenciam o comércio sexual, eles são responsáveis pelo agendamento, a ponte entre o cliente e a prostituta e também cobram pelo trabalho, ficando com uma porcentagem do lucro. Muitas vezes o cafetão é o dono do bar, cabaré, da casa ou dos quartos, e também cobram pelos espaços que os clientes usam para fazer os programas. Essas relações circunscritas pela informalidade geram abusos de poder e violência.

Outra mulher importante nesta história relatada é Maria Ana, casada com Zé Cabeludo. Ela e seu companheiro foram donos de um dos bares da rua, cuidava das meninas e trabalhava também como a grande cafetina do lugar. O cabaré era o maior de todos da rua, chegou a acumular mais de cinquenta mulheres que trabalhavam por lá e isso gerou disputas entre os outros bares. O bar chegou ao fim com o assassinato de Zé Cabeludo. Maria Ana foi uma das mulheres mais conhecidas da Rua do Cabaré, hoje não está mais viva para contar sua história.

Vejamos mais um relato de violência:

Conceição: Aí eu era pequena, só que era grossinha né. Aí teve uma que chegou de Campina Grande tirando onda lá dento. Uma bicha altona. Olhou pra minha cara e disse assim: “Aqui num tem rapariga não é?”. Olhei pra cara dela assim. E Aparecida sentada. Aparecida disse: “Quer ver a disgrama!”. Eu: “Vaqueiro, me dá uma dose de cachaça aí”, aí Vaqueiro me deu. “Mulher, uma criança tomando cachaça”, e eu olhava pra cara dela. Aí Vaqueiro “quer ver!”. Eu tinha dez ano. Eu era virada. O bar que eu frequentava era só o de Vaqueiro. E assim, os dois assim só pra espionar. Aí eu puxava os machos lá dos dois bar pra Vaqueiro. Aí ela disse mermo assim: “Aqui tem rapariga não?”, eu disse “rapai, aqui tem rapariga. Oxe! Tu num aguenta um tapa não mulé” disse assim né. Num tem aqueles punhal elétrico que quando aperta sai? Pronto! eu tinha um daquele. Aparecida deu uma carrera infeli. A bandida fez “num corre não mulé, tu vai deixar tua amiga apanhar é?”. Aparecida disse assim “se vira mais ela aí” que Aparecida já me conhecia né. Eu peguei no cabelo dela assim, pergunta a Aparecida. Peguei no cabelo assim, rodei, quando eu rodei que ela caiu, o tamanco dela... o sapato dela torou assim o salto. Quando ela caiu apliquei o punhal mermo aqui (*no pescoço*). Ela fez “tu me furou”, eu “furei ainda não mulé. Num tem rapariga aqui não, tem? Tu num falou que aqui num tinha rapariga? Quer dizer que a rapariga que chegou é tu é só porque tu é altona, né fofa?” eu disse “tome ota”. Aí pulei cemitério. Tu acha que eu deixar a polícia me pegar era? Quando fé, chega o

camburão. Eu só em cima da catatumba, só investigando. Aí levaram ela. Aí Vaqueiro disse mermo assim “rapai, ela subiu numa moto aí”, mentira que Vaqueiro viu quando pinotei o muro do cemitério né, “ela subiu na moto aí e desapareceu”. Aí eu sei que levaram ela. Ela num morreu não, se danou pra Guarabira. Nunca mais voltou pro cabaré. Aí eu fiquei lá, quando via o camburão eu corria, Vaqueiro me trancava.

Em espaço de boemia, prazeres e vaidades como o cabaré é marcado também por disputas entre elas para ganhar dinheiro. Vemos neste relato de Conceição uma característica de mulheres da rua que é combatividade e o ataque. As prostitutas são mulheres que sempre estão prontas para o ataque imediato, tanto entre os homens cliente quando entre elas e as mulheres novas que chegavam.

A agressividade, em ambientes tão hostis, é um instrumento de sobrevivência. Nossas entrevistas são mulheres que desde a infância aprenderam a ser transgressoras, e as condições que elas viviam propiciam a agressividade, é onde que podemos verificar que o espaço social determina suas ações de uma sobrevivência a base da agressividade.

As nossas recordações sempre têm uma interação com o grupo ou o outro. Por isso, Conceição apela nesse relato para Aparecida como uma testemunha do seu próprio testemunho, “pergunta a Aparecida”. Ecléa Bosi ressalta: “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme sua visão” (BOSI, 1994, p. 407). Trazer essas memórias do cabaré, muito embora sejam individuais, é também se sustentar no grupo, pois nossas recordações precisam de testemunhas para dar credibilidade às nossas lembranças. Neste caso, isso ocorre quando Conceição cita a testemunha Aparecida sobre sua briga com a rapariga nova que chegou ao cabaré, ou quando Aparecida traz a testemunha Rosilda sobre sua lembrança da morte de Simone.

Agora vejamos um relato da precarização dessas mulheres:

Penha: Oh! tinha dia de eu comer puro, com cebola... nem tomate num tinha. Mas o aluguel da casa onde eu morava eu nunca atrasei por causa disso... da vida no bar né, a prostituição né, tu sabe como é. Porque ninguém pegou tempo bom não, tempo bom é agora, agora. Mas a minha época que eu nasci e muito nascero ninguém pegou tempo bom não. Hoje todo mundo vai no supermercado faz uma feira de trezento, trezentos e pouco, quando tem muita gente numa casa faz até de quatrocento, quinhentos conto. E quem fazia isso no meu tempo? Eu tive que viver de bar em bar pra viver como dava. Dei muito essa buceta pra pagar pelo meno o aluguel, o resto eu me virava nos bar, bebia, comia os tira gosto. Meu armaço, tinha veí que começava na cerveja e biliscava o amendoim.

Além das violências e mortes que marcaram a Rua do Cabaré, é importante destacar também a pobreza que circulava no espaço e entre elas. Penha foi uma mulher que tentou viver a vida como dava e ganhou seu dinheiro se prostituindo. Não tão diferente das demais mulheres

desta pesquisa, elas eram mulheres de situação socioeconômica vulnerável. Eram mulheres que não estudaram e que vieram de famílias pobres.

Percebemos que as condições propiciam e agravam as situações limites na busca de garantia de sobrevivência; portanto, é a pobreza um deflagrador constante de violência no espaço.

Um destaque importante é que Penha nos conta que naquele tempo era mais difícil de se viver. Lembremos que estamos em um contexto em que o Brasil estava passando por uma Ditadura Militar, o número de analfabetos e pobres era maior. E Penha fazia parte desses brasileiros vulneráveis. Por isso, hoje, ela vê os dias atuais com outros olhos, porque o Brasil desde o início do século atual passou por mudanças sociais e econômicas, bem como, o número de analfabetos diminuiu e também hoje as famílias pobres podem ter o Bolsa Família para ter uma vida com mais dignidade.

Por fim, nosso último relato de Penha:

Penha: Qualé a rua que teve bar que não morreu gente? Todas elas morreu, num tem uma pra num ter morte. Só aqui de morte teve uma ali na esquina, ota aí na frente, ali fora, as ota lá embaixo. Ali perto do sumetéro foi encontrado corpo demai, era omi e mulé morto. Por isso foi acabano, acabano e num terminou em nada. Teve um aqui na frente que foi uma amiga minha que matou, amiga não, ela era uma colega de brincadeira. Matou o macho dela por briga mermo, coisa de casal. Ela fazia programa por aqui e ele sabia. Mai ela num deixava ele ficar com ota, só com ela. E mulé num pode prender omi não. E ele já tinha dado em nela, ai depois quem vai dar, apanha. Aí teve uma hora que ela num aguentou né. Começou no bar de Ana. Dona Ana nunca deixou briga rolar no bar dela não, ela expulsava quem fizesse tumulto. Aí começou no bar e terminou no mei da rua. Ela que matou ele e merecido porque ele num prestava. Aí tome a facada no preçoço, só vi ele agonizano e os omi do bar foi ajudar e ela correu. Só num posso dizer o nome porque ela tá viva até hoje. E só num foi presa porque todo mundo gostava dela e ninguém cabuetou ela. No oto dia ela tava pelo bar novamente toda perfumada.

Nem tudo que aconteceu na Rua do cabaré pode ser falado. Isso foi o que ouvimos muito durante as entrevistas com as mulheres. Muitas mortes aconteceram e não podem sair de lá, muitos mistérios envolvem os bares e as mulheres que passaram por lá. Por isso, Penha precisa manter o silenciamento em alguns momentos, embora ela nos relatou um pouco sobre o assassinato que houve no meio da rua.

Essas mulheres, se hoje estão vivas é porque também tiveram que ficar caladas em muitos momentos. Em espaços marginais e de criminalidade prevalece a lei do silêncio e manter a boca fechada é sinônimo de sobrevivência. E por isso nem tudo foi dito por elas ou ficou nas entrelinhas. Aparecida, Conceição e Penha foram mulheres que ficaram caladas por muito tempo e até hoje não podem falar demais porque sabem o risco que correm. Por isso temos esse relato de Penha com um pouco de receio de falar das violências no cabaré.

5 CONCLUSÃO

Realizamos um estudo trazendo a literatura, o testemunho e a memória como aporte teórico para pesquisar e analisar a história da Rua do Cabaré de Sapé, e as histórias subjetivas de algumas mulheres que passaram por aquele período.

Na primeira parte, percebemos que a literatura na pós-modernidade teve sua ampliação dialogando com outras ciências como a psicanálise, a sociologia e a cultura. A partir dessas novas formas de ver a literatura, abriu-se uma visão para que novos gêneros pudessem ser incluídos como obra literária como os diários pessoais, memoriais, cartas etc. Foi a partir desse raciocínio que construímos essa pesquisa, uma vez que nosso trabalho teve relatos orais em formato de memorial que nos dá a possibilidade para incluir em uma pesquisa literária.

Depois, vimos o quanto os estudos do testemunho tiveram seu crescimento depois do fim da segunda guerra mundial com os relatos dos sobreviventes do holocausto. Aqui no Brasil esses estudos se destacaram com o testemunho de pessoas que passaram pela Ditadura Militar, com sujeitos que passaram por opressão e perseguição, mulheres, negros, indígenas e homossexuais. Por isso que o nosso aporte teórico se aproxima do nosso objeto de pesquisa.

Na terceira parte do desenvolvimento trouxemos relatos de mulheres antigas em espaços de prostituição. Destacamos os primeiros contatos com prostituição, os momentos de diversão, o ambiente hostil em que elas viviam, as relações sociais e de gênero nesse espaço, bem como o contexto marginal e de criminalidade que envolve a prostituição, como a exploração sexual infantil.

Percebe-se nos relatos nostalgia, alegria, mas também violência. Aqui destacamos principalmente a marginalidade e o anonimato de mulheres que vivem segregadas sem nenhuma assistência de políticas públicas, pois a lei não existe. Então, já que a lei é frouxa, elas devem se organizar por si para sobreviver, usando inclusive a lei do mais forte, que é a lei da natureza de sobrevivência, ou seja, o meio aqui se torna determinante para o modo de viver dessas mulheres. Assim, essa situação limite foi entendida como mecanismo de sobrevivência, o que se aproxima com o caráter de exposição da literatura de testemunho.

Precisamos estar sempre de olhos abertos para os problemas sociais que envolvem a prostituição, a exploração sexual, abrindo portas para novos pensamentos que resolvam essa questão social no Brasil. Em suma, foi importante resgatar essa memória da cidade Sapé em uma pesquisa científica para que não fique no esquecimento, e abra mais oportunidades para novas pesquisas sobre essa rua no município. E também, é sempre importante dar oportunidade para as mulheres que foram esquecidas, dar voz aos sujeitos silenciados.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A Testemunha**. In: _____. O que resta de Auschwitz. ed. 1. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 25-48.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO; **Poética**. In: ARISTÓTELES, A poética clássica. ed. 20. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura**. ed. 3. São Paulo: Brasiliense: 1987.
- BORDINI, Maria da Glória. **Estudos culturais e estudos literários**. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre: PUCRS, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006, p.11-22. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/te/ojs/index.php/fale/article/view/610/441>. Acesso em: 20 de setembro de 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. ed. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. ed. 8. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.
- DINIZ, Ana Cláudia Araújo. **Poder e Sexo: uma análise dos territórios de prostituição no Centro de Campina Grande-PB**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Geográficas) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/23441/1/PODER%20E%20SEXO%20uma%20an%C3%A1lise%20dos%20territ%C3%B3rios%20de%20prostitui%C3%A7%C3%A3o%20no%20Centro%20de%20Campina%20Grande%20PB.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2019.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin**. ed. 2. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em Tempos de Violência**. São Paulo: Fapesp, 2012.
- PLATÃO. **A República**. Livro X. *E-book*. p. 424-467. Disponível em: http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf Acesso em: 5 de agosto de 2018.
- RODRIGUES, Annalise Siqueira Costa. **Feminicídio no Brasil: uma reflexão sobre o direito penal como instrumento de combate à violência de gênero**. 2016. Monografia (Bacharel em Direito), Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4840/1/ANNELISE%20SIQUEIRA%20COSTA%20RODRIGUES%20-%20FEMINIC%C3%8DDIO%20NO%20BRASIL.pdf> Acesso em: 23 de maio de 2019.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Zeugnis e testimonio: um caso de intraduzibilidade entre conceitos**. Revista Letras (Literatura e Autoritarismo), nº 22, 2001, p. 121-130. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11829/7257>. Acesso em: 13 de outubro de 2018.

_____(org.) **Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento**. In: _____. História, Memória, Literatura. Campinas: Unicamp. 2003, p. 59-88.

_____. **Testemunho e a política da memória**: o tempo depois das catástrofes. Revista Proj. História, São Paulo, (30), jun. 2005a, p. 71-98. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2255/1348>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

_____(org.) **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005b.

SOUZA, Eneida Maria. **A teoria em crise**. In: _____. Crítica Cult. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.67-78.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. ed. 2. Curitiba: IESDE brasil S.A., 2012.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**Dados pessoais****Nome:** _____**Data e local de Nascimento:** _____**Escolaridade:** _____**Estado Civil:** _____**Infância/família/pais:** _____**Perguntas**

1. Como você chegou ao Cabaré de Sapé?
2. Como conheceu a Rua do Cabaré?
3. Onde morou quando estava na Rua do Cabaré?
4. Com quem morava naquele tempo?
5. Como era a vida, rotina, o dia-a-dia das mulheres que viviam nos bares?
6. Quem eram os seus/suas principais amigos/as?
7. Como era a relação da polícia com a Rua do Cabaré?
8. Você se lembra de alguma morte, assassinato, violência que aconteceu por aqui?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA**

Eu, _____, abaixo assinada, após ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo: Memorial da Rua do Cabaré: a literatura de testemunho nos relatos da mulheres ex-prostitutas de Sapé. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento).

Local e data: _____

Assinatura da participante
